

Sessão Coordenada 78 - **SOBRE AS IMAGENS DE ÉPOCA NA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA**

CONTRIBUIÇÕES DO USO DE IMAGENS NA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA.

Tiago Lopes de Oliveira (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP – Núcleo de Estudos em História da Psicologia – NEHPSI),

Na pesquisa histórica, em especial, na pesquisa em história da psicologia, muitas possibilidades apresentam-se como alternativa metodológica para o seu desenvolvimento. Dentre todas as alternativas possíveis e adequadas, uma parece merecer atenção especial dos pesquisadores dessa área, a crescente utilização e aplicação dos métodos visuais a serviço da pesquisa social. Esta apresentação tem como preocupação principal o uso de fotos como método na pesquisa em história da psicologia. Dentre os principais argumentos que sugeriram tal reflexão, podemos destacar: a) o poder da foto em representar um registro poderoso dos acontecimentos temporais; b) a possibilidade de empregar como dados primários uma informação visual; c) a crescente influência dos meios de comunicação no mundo atual e o consequente crescimento do uso de elementos visuais; d) a ampliação do uso da fotografia na pesquisa em Psicologia para o estudo das mais diversas questões em diferentes áreas. Vale lembrar que não é só a pesquisa em Psicologia que pode se favorecer pelo desenvolvimento da tecnologia, pois outras áreas do conhecimento fazem e já faziam da fotografia um recurso metodológico interessante para suas explorações e investigações. Podemos enfatizar: os estudos antropológicos em que são utilizadas fotografias para ilustrar os modos de vida das mais diferentes culturas, mas também os estudos no campo da Sociologia – com representações visuais que sustentam suas proposições sobre determinados temas (ex. imagens de crianças ao longo do tempo para daí extrair o significado de ser criança nas diferentes épocas) e no campo da Geografia, com os estudos topográficos e de mobilidade urbana. Na pesquisa em História, a discussão sobre o uso de fotografias como recurso metodológico ou fonte de pesquisa transita em torno do privilégio dado ao documento escrito e, a imagem visual por vezes é considerada uma fonte não muito fiel da realidade. Neste caso, o importante é manter em mente que uma dada imagem deve ser considerada uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz. Além disso, o historiador que pretende escolher usar o documento fotográfico também deve saber que tal documento, muito provavelmente, foi motivado por intenções bem diferentes das que balizam a sua pesquisa. Dessa forma, delineia-se como tarefa importante aos pesquisadores em história a discussão de alguns tipos de emprego das imagens fotográficas para a pesquisa. Pode-se pensar em diversas razões que justificam as aplicações históricas de fotografias nas investigações em Psicologia, como por exemplo, a facilitação de uma entrevista em que o entrevistador utiliza uma fotografia como um desencadeador de memórias. Pretende-se com essa exposição apresentar uma contribuição aos pesquisadores em história da psicologia que intentam utilizar imagens fotográficas em suas pesquisas.

Fotografia, pesquisa, história

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

LEITURA DE IMAGENS ANTIGAS. *Júlio Wainer (Departamento de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP; Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP)*

Nota-se hoje a multiplicação exponencial das imagens de arquivos e seus possíveis usos. Entendemos imagens de arquivos tudo o que produzimos e armazenamos com base imagética: fotos, filmes, recortes de jornais, trechos de filmes familiares, quadros, entre tantas possibilidades. Esses arquivos pressionam a todos nós a uma ação, e também se oferecem como matéria prima instigante para narrativas a serem recuperadas ou criadas. As fotos de família, antes escassas e consideradas sem qualquer valor agregado, tornaram-se relíquias centenárias e detentoras de um tipo de informação peculiar, que só pode ser acessado pela imagem (que mal decodificamos, mas reconhecemos sua existência). Essas imagens, soltas, muitas em estado de deterioração, rogam por uma conservação sistematizada e proposição de narrativas, atribuindo-lhes significado perante a família e a sociedade. Mas de quem é essa responsabilidade? A quantas gerações adiante conseguimos transferir essa tarefa? O que fazer com o “baú”?

Em outra ponta, documentaristas fazem, da imagem de arquivo, material narrativo. Esta pode ter motivação na busca do rigor histórico (Os anos JK, 1980, Silvio Tendler, entre tantos documentários sobre eventos do século XX) ou na chave da suposição e invenção (como Nós que aqui estamos por vós esperamos, 1999, Marcelo Masagão). Alguns cineastas usam arquivos não para constituir filmes inteiros, mas para evocar sensações, desencadear reações, e despertar mecanismos de lembrança em seus personagens sob a câmera (Marker, Varda, Coutinho, Escorel, Nader, entre outros cineastas contemporâneos). A nós, desperta interesse particular esse uso de imagens de arquivo (uma fotografia, uma notícia de jornal, trecho de vídeo antigo) como disparador de memórias. Ao assistir filmes com esse procedimento, acessamos ao menos três momentos históricos: tempo do arquivo, tempo da personagem sob seu impacto, e tempo presente do espectador. Enfim, o uso de imagens de arquivo exigirá do expectador uma consciência histórica cada vez mais apurada, para filmes (e seus desdobramentos) cada vez mais complexos. É o caso do filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984, Eduardo Coutinho), com várias ocorrências relevantes para a história do Brasil, anteriores e posteriores a data do filme propriamente dito.

Documentários, imagem antiga, memórias.

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

IMAGENS E DEPOIMENTOS NO ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA. *Carmem Silvia Rotondano Taverna (Centro Universitário Capital - Unicapital, São Paulo/SP e Núcleo de Estudos em História da Psicologia – NeHPsi da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP)*

Videodocumentários contam a História da Psicologia em São Paulo foi o título dado a um curso de extensão para alunos da graduação em psicologia numa instituição de ensino superior de São Paulo, capital, tendo por objetivos: 1) apresentar a História da Psicologia no estado de São Paulo; 2) compreender sua trajetória, avaliando seus determinantes históricos e refletir sobre seus limites e tendências contemporâneas. Foram usados videodocumentários produzidos pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRPSP com a finalidade de resgatar e preservar a memória da psicologia. Para esse curso foram escolhidos: a) A Psicologia Educacional e Escolar em São Paulo: a construção de um novo homem; b) Percursos da Psicologia Clínica em São Paulo, c) Uma História da Psicologia Organizacional e do Trabalho em São Paulo, d) Uma Questão de Saúde: Trajetória da Psicologia Hospitalar em São Paulo e, e) Entre o Direito e a Lei: uma história da psicologia jurídica em São Paulo. Os videodocumentários foram elaborados a partir de ampla pesquisa histórica em livros, teses, reportagens, iconografia, arquivos públicos e pessoais de psicólogos e de depoimentos de psicólogos expoentes de cada área. O curso teve a duração de seis semanas, com encontros de duas horas. Cada aula iniciava-se com uma apresentação sobre o tema, em seguida era exibido um videodocumentário e, ao final, discussão e debate com a classe, enfocando: o percurso ao longo do tempo, as necessidades sociais e possibilidades de inserção do psicólogo, a diversidade e especialidade dos campos de estudo e atuação em psicologia. Foram destacados os assuntos com os quais os alunos estavam tendo contato pela primeira vez e dúvidas sobre os fundamentos das áreas e da profissão nos diversos ambientes de trabalho, mesmo dentro de uma mesma área. Dedicada à avaliação do curso e dos alunos no curso, a última aula permitiu verificar as opiniões em relação ao curso – conteúdo e metodologia, com destaque para o potencial detonador dos vídeos. As respostas mostram que os alunos, que apenas esperavam ter contato com conteúdos não abordados no curso de graduação, encontraram mais que isso, avaliando positivamente a aproximação que tiveram com a história da psicologia em São Paulo a partir das sequências de imagens que revelam o contexto histórico, mas também dos depoimentos de vários psicólogos, de diferentes áreas, em contraposição à apresentação de um único professor em sala de aula. Os alunos sentiram-se “convidados” pelos depoentes a conhecer a história de sua área. E sugeriram que cursos com imagens e depoimentos deveriam fazer parte não só de cursos de extensão mas de disciplinas da grade curricular da graduação. Todo o processo vivido será ainda melhor analisado, mas pode-se já concluir os videodocumentários do CRPSP constituem-se em importante material didático. As imagens e os depoimentos despertam o interesse por uma psicologia que respeita sua história, está viva e em movimento.

História da Psicologia em São Paulo, ensino superior, vídeos institucionais

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia



INTERDISCIPLINARIDADE: APENAS UM “IDEAL PEDAGÓGICO” OU UMA NECESSIDADE? *Maria do Carmo Guedes (Grupo de Pesquisa da PUC-SP em História da Psicologia)*

Na pauta hoje da UNILA (Universidade Federal da Integração Latinoamericana), uma instituição que se propõe explicitamente a pensar internacionalização da ciência, bem como entre pesquisadores que ainda publicam sobre o tema (é só entrar na Biblioteca Scielo para ver: pelo menos 40 “descritores” entre interdisciplinaridade e interdisciplinary, além de mais oito para interdisciplinas até interdiscursivity) – a interdisciplinaridade teve grande atenção no ensino superior brasileiro nos idos de 1960/1970. À época, contribuiu para isso, entre outros, o chamamento de Anísio Teixeira para que todas as áreas de conhecimento se unissem para pensar a educação necessária ao país em todos os níveis (Anísio Teixeira, 1957, na inauguração dos Centros de Pesquisa Educacional, o Brasileiro e seis Regionais, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, INEP). Ora, a comunidade responsável hoje pelo ensino superior no Brasil – vale dizer, agências de fomento à pesquisa e de melhoria do ensino superior, além das universidades, em todos os níveis a partir da graduação – toda ela parece precisar pensar a interdisciplinaridade novamente. No caso da Psicologia porque, com a proliferação no país de congressos específicos a partir dos anos 1980, poucas chances tem o pós-graduando, e mesmo seu orientador, de encontrar pesquisadores de outras áreas que não a sua. Além disso, também porque está aí a internacionalização a cobrar também mais congressos, os ditos internacionais, a depender da subárea e até do tema. Preocupados com isso, pesquisadores em história da psicologia temos discutido a importância de avanços em diversas áreas que importam ao nosso pesquisar. A questão que nos move é: com quem podemos/devemos interdisciplinar? É fácil lembrar a Filosofia: no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), uma busca parametrizada por título “História da Psicologia” mostra que uma das cinco respostas encontradas traz esta área: “Interfaces filosóficas da História da Psicologia”. A busca seguinte, por linha de pesquisa, traz ainda “Epistemologia da Psicologia”, além de “Estudos historiográficos e fenomenológicos da Psicologia”. Nossa experiência em colóquios programados para discussão deste tema tem mostrado quanto várias áreas estão oferecendo informações importantes para o que os novos tempos estão a exigir dos pesquisadores. Apenas para alguns exemplos: dos semioticistas temos hoje as pesquisas que se inserem na preocupação que vem sendo chamada de “estéticas tecnológicas” (Santaella e Arantes, Orgs, 2008) ou “as formas do silêncio” (Orlandi, 2004); com pesquisadores em língua portuguesa, as pesquisas voltadas hoje ao que se pretendeu como relação língua/construção da identidade nacional (Favero, 2014); o antropólogo Renato Ortiz demonstra, em seu *A diversidade de sotaques* (2008), a importância de analisar as relações língua/sociedade e o inglês e as ciências sociais. A participação nesta Sessão coordenada visa assumir a discussão dialogando com pesquisadores em história envolvidos, ainda que marginalmente, com o tema - são seus dados de pesquisa que interessam: um pesquisador sobre o uso de imagens; um sobre ensino em história da psicologia e um sobre imagens como fonte para a pesquisa historiográfica.

Ideal Pedagógico; Interdisciplinaridade
Pesquisador - P
HIST - História em Psicologia